

O TEMPO



[Salvar Link](#)

"Vai faltar pessoal para tanta obra"

Construção teme um "apagão" de mão-de-obra, pois depois de muito tempo parado setor ressuscita com força total

Por

VICTOR HUGO FONSECA

02/02/08 - 17h44

Siga o Portal O TEMPO no [Google News](#)

[Inscreva-se e receba notícias de O TEMPO](#)

A indústria da construção vive um clima de euforia por conta dos resultados de 2007 e pela esperança de novos investimentos este ano. Como consequência de um "boom", o setor tem contratado e, segundo especialistas, vai faltar mão-de-obra qualificada para tanta obra. De acordo com dados do Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), a construção civil apresentou alta de 13,08% no número de trabalhadores com carteira assinada - isso representa cerca de 176 mil novas vagas em 2007. As razões foram uma série de medidas que facilitaram o financiamento de imóveis, como redução dos juros e novas regras na hora de usar o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) para adquirir a casa própria. Em 2008, serão destinados R\$ 8,4 bilhões do FGTS para habitação popular.

Para Ricardo Catão, vice-presidente de política, relações trabalhistas e recursos humanos do Sindicato da Indústria da Construção Civil do Estado de Minas Gerais (Sinduscon- MG), o setor vive um bom momento depois de mais de 20 anos com uma taxa média de crescimento de apenas 2% ao ano. "O último grande boom foi na década de 1980", afirma. Por conta disso, Catão conta que muitas pessoas que trabalhavam na construção civil foram obrigadas a migrar para outras áreas. "Engenheiros passaram a trabalhar em administração e finanças", lembra.

Em 2008 o cenário é outro. Ele afirma que algumas faculdades de engenharia já apresentam um número maior de candidatos por vaga. "O mercado e o PIB cresceram, aumentaram as vagas", afirma. Segundo Catão o perfil da mão-de-obra é bem abrangente. "Desde o servente, de quem não é exigida escolaridade, até técnicos e engenheiros com ensino superior", disse.

Na avaliação de Catão, característica indispensável para atuar no setor é a disposição. "Existem vagas, mas é trabalho pesado, precisa de disposição", afirma. Segundo ele, com o complemento de horas extras, o salário de um pedreiro pode chegar a R\$ 1.000 mensais. Um iniciante, como

servente ou ajudante, ganha cerca de R\$ 480. Luiz Alexandre Monteiro, gerente administrativo-financeiro da construtora Mascarenhas Barbosa, que atende demandas do ramo da siderurgia e mineração, afirma que a contratação de mão-de-obra é feita através de contratos que duram o tempo determinado de cada obra. Hoje eles contam com cerca de 2.000 empregados.

Busca nas faculdades

Na avaliação de Monteiro é necessário administrar bem o quadro de funcionários atual, pois o mercado não atende as demandas do setor. "Não temos mão-de-obra disponível. Concorremos com grandes empresas como Vale e Usiminas", disse. Para capturar bons profissionais a empresa oferece um plano de carreira bem definido, participação nos lucros, além de capacitação. "Vamos às universidades buscar estagiários e trainees", conta.

Para ele apesar do setor abrigar os profissionais menos qualificados do país, quem pretende entrar neste ramo deve se capacitar. "Muitos clientes exigem profissionais com experiência. O primeiro passo é buscar cursos profissionalizantes", afirma.

Já falta

Segundo Osnir Venuto, presidente do Sindicato dos Trabalhadores da Indústria da Construção de Belo Horizonte e Região, já falta mão-de-obra qualificada na região metropolitana de Belo Horizonte - culpa do longo período de retração que o setor viveu. "Há tempos não via um mercado tão aquecido", disse.

*Em tempos de desinformação e pandemia, o jornal **O TEMPO** reforça o compromisso com o jornalismo mineiro, profissional e de qualidade. Nossa redação produz diariamente informação responsável e que você pode confiar. Continue nos apoiando. **Assine O TEMPO.***

(<https://www.otempo.com.br/assine>)